

Interlúdio (I): do sujeito ao objeto

Mas pode-se dizer que esta formalização é completa, que o corpo vivo é completamente mortificado pela linguagem? De modo algum. Se a sepultura serve como modelo dessa incorporação, apresentando os ossos como o conjunto vazio do sujeito¹⁵, voltamos nossa atenção a esses objetos deixados no seu entorno como a oferta de um suplemento de vida (MILLER, 2010, p.162), suplemento que também é necessário ofertar à psicanálise para dar ao sujeito o estofo que lhe havia sido negado, uma vez que este traduz como nula a parte não capturada pela linguagem, ou melhor, pela linguagem como tesouro de significantes: nula, sim, mas de significantes.

Se repetimos mais uma vez a fórmula lacaniana de que sem a ciência não poderia haver psicanálise e de que, portanto, o sujeito da psicanálise é o da ciência é para nos referirmos ao desprendimento que deve apresentar o cientista em relação à qualquer teoria no momento em que ela se demonstra falha – mesmo que seja sua! –, desprendimento que, no limite, assume a forma do sujeito que apresentamos. A verdade, posta sempre mais além, permite o deslizar das teorias e das identificações e se garante como um lugar sempre vazio.

Apesar de essa ser uma dimensão da experiência freudiana, encontramos mais facilmente o exemplo oposto, aquele da recusa em abandonar identificações insuficientes ou saberes insustentáveis, recusa que equivale a uma aderência ou fixação que positivamente surge como repetição insensata, irracional. É a absurdidade que faz com que um torcedor fanático, entendedor e amante do futebol, permaneça fiel ao seu time mesmo após várias temporadas vergonhosas.

Essa dimensão outra se revelará ser a do objeto, e da mesma forma como o sujeito encontra uma definição singular na psicanálise, a forma final que o objeto alcança na teorização de Lacan – objeto *a*, para dar seu nome – também não é aquela da “metade da laranja” que vem complementar o sujeito. Se os objetos comuns têm lugar garantido na experiência, esse objeto todavia não se confunde

¹⁵ “O primeiro símbolo em que reconhecemos a humanidade em seus vestígios é a sepultura, e a intermediação da morte se reconhece em qualquer relação em que o homem entra na vida de sua história” (LACAN, 1953b: 320).

com eles¹⁶. Se o sujeito é o ponto cego de uma estrutura mortificada que sublinha a dimensão de *significação* na experiência, a dimensão da verdade, por outro lado o objeto será o ponto de convergência da dimensão da *satisfação*, já que está diretamente ligado à adesividade que citamos.

Através de Miller (1990) tomamos conhecimento do episódio no qual Frege dá exemplo do desprendimento do qual falamos, ao ser alertado por Russell de uma inconsistência em sua tese no momento em que seria publicada, o livro se encontrando já no prelo: Frege reconheceu e desistiu do livro. Esse exemplo nos servirá ainda mais por seu conteúdo, pois o caso é que a tese de Frege era a de que uma linguagem bem escrita, formal, poderia domar o que se apresenta ao matemático como problema – o ser, segundo Badiou (1996) –, pois acreditava que todo conceito prescreveria uma multiplicidade de termos que cairiam sob esse conceito, de forma que à linguagem só pudessem se apresentar elementos caídos sob um conceito ou propriedade (*Idem.*: 41). Russell acabou com as pretensões de Frege através do paradoxo que levou seu nome, um dos exemplos que utilizaremos para mostrar a insuficiência da formalização em dar conta do ser – ou seja, a insuficiência do significante em dar conta da totalidade da experiência.

Então, para um sujeito completamente de-substancializado, o objeto só poderá surgir como seu ser. Seguiremos utilizando a matemática para definir o que seria esse objeto apoiados inicialmente em Badiou (1996), para quem *a matemática é a ontologia*. Mesmo que a ontologia seja aí apresentada como ciência do ser-enquanto-ser (*Ibid.*: 13), vamos utilizá-la de forma irônica uma vez que, se o objeto *a* foi definido como “ser do sujeito”, o termo “ser” aqui guarda com uma essência última uma relação apenas de semblante:

A posição de objeto *a* responde à exigência de mostrar que o sujeito pode encontrar-se e complementar-se com um ser. Chamamos pois objeto *a* ao que nesse desastre do sujeito que se denomina falta em ser *parece dar o suporte do ser*. (MILLER, 2005a: 116)

Ou seja, “deslocar o objeto *a* do real ao ser é destacar as suas afinidades com o semblante” (*Ibid.*: 115). Frisamos então que, apesar de nos valermos da

¹⁶ “O objeto em seu sentido convencional, incluído no clássico par sujeito-objeto da teoria do conhecimento, evidentemente está presente e é mencionado na obra freudiana. Mas também é evidente que, já desde o *Projeto...*, Freud não considera esta face do objeto como o objeto próprio que a experiência da psicanálise descobre” (RABINOVICH, 2007, p.5).

ontologia matemática, é como discurso que permite verificar a emergência desse ser como semblante que a utilizamos, e não como meio de revelar nenhuma essência no real.